

Realismo fake:
*Baudrillard, Covid-19, memes
e o assombro comunista*

André Nascimento

Doutorando em Literatura e Teoria Política
pela Universidade de Cornell
e-mail: adn52@cornell.edu

Recebido: 04 mar. 2021

Aprovado: 30 ago. 2021

Resumo: Este ensaio examina a teoria dos simulacros de Jean Baudrillard (1983) em sua aplicação às *fake news* durante o Covid-19 no Brasil. Neste texto, discuto como a replicação dos memes e das *fake news* potencializaram a expansão do vírus de modo que ciência e saúde pública se converteram em acusações anticomunistas. Observando como o simulacro pode reforçar o fatalismo capitalista durante a pandemia, argumento como a negação do comunismo retorna imagetivamente como confronto material diante da pulsão de morte disfarçada de preocupação com a economia social.

Palavras-chave: Fake News. Simulacro. Covid-19.

Abstract: This essay examines Jean Baudrillard's (1983) theory of simulacra in its application to fake news during Covid-19 in Brazil. In this essay, I observe how the replication of memes and fake news boosted the expansion of the virus so that science and public health became anti-communist accusations. By analyzing how the simulacrum can reinforce capitalist fatalism during the pandemic, I argue how the denial of communism imagetically returns as a material confrontation in the face of the death drive disguised as concern for the social economy.

Keywords: Fake News. Simulacrum. Covid-19.

Resumen: Este ensayo examina la teoría de los simulacros de Jean Baudrillard (1983) en su aplicación a las *fake news* durante el Covid-19 en Brasil. En este ensayo, analizo cómo la replicación de memes y fakes impulsaron la expansión del virus de tal modo que la ciencia y la salud pública se convirtieron en acusaciones anticomunistas. Observando cómo el simulacro puede reforzar el fatalismo capitalista durante la pandemia, argumento cómo la negación del comunismo retorna imaginariamente como una confrontación material frente a la pulsión de muerte disfrazada de preocupación por la economía social.

Palabras clave: Fake News. Simulacro. COVID-19.

A escolha era simples: morrer de fome ou Covid-19. Esse parecia ser o paradoxo da classe trabalhadora no Brasil, sobretudo frente ao negacionismo dos chefes de governo em 2020. O mais tenebroso dessa encruzilhada era que as duas rotas conduziriam a morte, revelando uma relação desperdiçável com a vida. Enquanto a saúde pública virava sinônimo de retrocesso econômico, as grandes empresas inventavam realidades simuladas que ignoravam o empilhamento de cadáveres. Embora a economia seja um fio que costura todas as esferas sociais, esse falso paradoxo aponta que a vida humana é deliberadamente anulada frente ao pulso produtivo. A batalha retórica entre saúde e economia passa a ser enfrentada nas mídias sociais que se tornam reprodutoras do medo.

Nesse confronto retórico, teríamos um Estado forte que facilite políticas de *lockdown* ou veríamos a classe trabalhadora caminhar para o contágio. Mas devemos recordar que em democracias sustentadas pelo ideário liberal, quaisquer controles estatais ou fortalecimento do Estado são denunciados como culto ao fantasma comunista. Alain Badiou (2020) tem razão ao defender que o Estado tem a função de aplicar “práticas mais autoritárias (...) para evitar uma catástrofe estratégica” (BADIOU, 2020, p. 74) diante de surtos pandêmicos. Esse ponto tem ainda mais atinência se levarmos em conta a falta de sensibilidade oligarca com as mortes, especialmente dos mais fragilizados. Se o vírus não discrimina entre corpos, Judith Butler (2020) alertava que “a desigualdade econômica garantirá que o vírus discrimine” (BUTLER, 2020, p. 62). No Brasil, as *fake news* armaram um aparato de guerra que não apenas visava dismantelar o serviço público de saúde, mas desacreditá-lo já que a ciência seria um projeto socialista contra o bolsonarismo.

O curioso dessa batalha retórica é que os interesses do mercado se disfarçaram de “direitos humanos” e “direitos laborais”. Afinal de contas, temos mais “direitos ao trabalho” que direitos trabalhistas ou o direito de viver (LAFARGUE, 1989 [1883]). A elite oligárquica retoma o discurso de justiça social, propondo um falso argumento de que suas preocupações não são comerciais. A suposta preocupação é com a fome e o desemprego. Notamos, novamente um discurso de guerra em que se assume a inevitabilidade da morte biológica, mas imaginar a parada das engrenagens das empresas seria pior que a hecatombe em curso.

Em *Crítica ao programa de Gotha*, Karl Marx (2018 [1875]) alerta sobre o perigo dos usos de discursos de igualdade laboral e justiça. Marx não era avesso à ideia de igualdade ou justiça, mas se preocupava como as classes dominantes equalizavam a noção de igualdade laboral e justiça distributiva *apenas* para os que pudessem produzir.

E as pessoas com deficiências? E os com fragilidade física? E os desempregados? Por isso, é crucial examinar os direcionamentos dos tidos direitos humanos ou da lógica de direitos iguais na sociedade de classes que opera dentro “direito desigual para o trabalho desigual” (MARX, 2018, p. 21). E, ainda mais importante, devemos rejeitar imaginários que reduzam a vida à proteção do mercado.

Este ensaio examina alguns memes que se posicionaram contra a visão apocalíptica de que a crise econômica seria pior que a morte em massa. Em um contexto no qual o corpo biológico deve ser sacrificado em nome da máquina econômica, observo textos que circularam em contraposição ao terrorismo do mercado. O corpo humano real e material foi posto em jogo para que o corpo virtual do mercado pudesse ser protegido. Na primeira parte deste texto, discuto a ideia de verdade trocável baseada na perspectiva de Jean Baudrillard (1983) e como esse regime de realidade nos ajuda a entender os meios pelos quais absurdos disputam materialidade com a realidade concreta.

Na segunda parte, discuto como os memes foram utilizados como artefatos linguísticos que *viralizaram* o potencial do vírus no Brasil. A capacidade de encapsular argumentos complexos em textos curtos impulsiona a propagação dos memes. Seus discursos são facilmente consumíveis e replicáveis, expandindo noções de hiper-realidade. Os poucos memes que analiso rejeitam os desejos mercantis de suspender a quarentena. Opto por analisar exemplos que enfrentaram as *fake news* ao invés de potencializar a circulação do vírus, sem problematizar as prováveis baixas civis.

Na parte final deste ensaio, faço uma discussão marxista-leninista a fim de entender a razão da guerra do simulacro quando o socialismo/comunismo já não constariam do panorama político atual. Nesse segmento, questionarei a insistência dessas imagens que se reafirmam, pensando na lógica de afirmação como autonegação ou afirmação de sua própria debilidade política, já que o simulacro parece colidir com a ordem do concreto.

Se imaginar o fim do mundo é mais provável que o fim do capitalismo ainda é válido como aforismo, por que ainda temos o regime de simulacros? Seria possível que o mercado

já imagina o fim do capitalismo em um plano suicida? Ou será que o mercado já conta com a nossa extinção em sua pulsão por morte coletiva?

O filósofo Jean Baudrillard (1983) sugere que vivemos em um regime de simulação totalmente desconectado da lógica racional/material. Para ele, não é possível representar a ilusão porque “o real não é mais possível” (BAUDRILLARD, 1983 p. 38). De forma simplificada, representar ficção ou a não-realidade é inviável porque perdemos a noção de realidade dentro do labirinto de simulados cotidianos. A ilusão e a matéria foram inseridas em um tabuleiro de equivalências. Neste sentido, a realidade e fantasia são indistinguíveis porque se originaram ou se encontraram no lastro do simulacro.

Por exemplo, se compramos um lanche do McDonald’s desejamos a imagem do cardápio (produto do simulacro) ao invés de desejar o produto da realidade (o hambúrguer *de facto*). O simbólico e o real coabitam o mesmo espaço. Mesmo que sempre nos decepcionemos ao encontrar o sanduiche *real*, voltamos a desejar o objeto do simulacro. Na verdade, até o hambúrguer surge como produto da realidade ideológica do real criado.

Outra ilustração que o filósofo apresenta é o parque de diversão. A Disneylândia, por exemplo, oferece a possibilidade de acessar um mundo de sonhos, já que no mundo fora da Disney somos forçados a lidar com a realidade da vida adulta. O problema, para Baudrillard (1983), é que não há mundo real fora da fantasia da Disney. A fantasia é ubíqua. Todos os discursos são operados a partir de uma lógica em que o real ou o ilusório são manejados em simbiose.¹ Mesmo os fatos verificáveis já não têm trajetória própria, porque nascem de simulacros em contato. Isto é, o capitalismo produz um real infectado com a simulação ou hiper-realidade.

Contra Baudrillard (1983), adicionaria que a hiper-realidade ou realidade capitalista precisa da repetição para desacreditar discursos que ofereçam rotas alternativas. Apesar do império e extensão do simulacro, seus conflitos não cessam. O simulacro gera constantes imagens sequenciadas para gerirem sua própria ordem. De certo modo, tal repetição também ocorre pelo assombro da ameaça comunista que segue como fantasma opositora da atmosfera neoliberal. Em meio ao potencial de extermínio em massa dos trabalhadores contaminados por uma doença sem vacina até o fim de 2020, a “sobrevivência” da classe trabalhadora dependeria do trabalho, mesmo que o trabalho fosse um substantivo em verdade trocável com a morte.

Deste modo, a crise econômica tida como inevitável seria mais escatológica que a pandemia. Podemos até chegar a extinção humana, mas nosso massacre geraria dividendos e protegeria a economia.

Vida e morte passam a configurar um cenário de verdade trocável porque são geridas por um grau de gasto/desperdício dentro da hiper-realidade. As condições que poderiam causar morte são ignoradas porque a crise econômica também seria a morte inevitável, apesar dos imensos lucros das grandes fortunas durante a pandemia.²

Contudo, essa potencialidade intercambiável entre os substantivos durante o surto indica que a impossibilidade da vida plena é a condição básica para o capitalismo. O comunismo invoca outra lógica. A extinção das classes e a radicalização das potencialidades da vida humana projeta uma que vida não seja reduzida ao potencial laboral. Entre o simbólico que se finge material e a realidade material do marxismo científico, o jogo de imagem dos simulacros precisa se reafirmar para o êxito do realismo *fake*.

Em *Contribuição à crítica da economia política*, Karl Marx (1859) nos alertava que o pavor da sociedade de classes é justamente o processo de conscientização do proletariado. Uma vez ciente do processo de luta de classes, o trabalhador estaria melhor equipado para desarticular os modos de desumanização da vida. Esse processo é, precisamente, o método do simulacro das *fake news*. O objetivo é impedir a conscientização sobre sua própria condição de modo que a revolução floresça no horizonte das massas.

Se Baudrillard (1983) diria que não podemos distinguir a realidade da ilusão pela gestão do simulacro, Vladimir Lenin (1909) diria que a ficção também depende dos processos concretos. Em seu debate contra o empiriocriticismo, ele cita Ludwig Feuerbach e nos recorda que a fantasia depende do cérebro para sua proliferação.

Memes, simulacro e realismo capitalista

Mark Fisher (2009) argumenta que o capitalismo consegue ser mais do que o único sistema econômico viável na era contemporânea, suas redes nos impedem de imaginar uma alternativa. Fisher discute como o capitalismo nos forçou, particularmente nos últimos 30/40 anos, uma *possibilidade* que era *impossível*: a privatização do Estado através da “ontologia

empresarial” (FISHER, 2009, p. 17). Com essa nova ontologia, setores considerados naturalmente públicos serão assumidos como dispositivos comerciais, incluindo saúde pública e educação.

Passamos a aceitar que a gestão privada desses setores seja o percurso natural. Educação e saúde são atravessados diretamente pela ideia de mercado que presumivelmente garantiria a qualidade operacional. Invés de direitos, agora são vistos como produtos. A oligarquia opera dentro do Estado precarizando seus serviços, ao mesmo tempo em que a via privada se apresenta como solução para um problema criado pelo próprio capitalismo. Se degrada o serviço comum para torná-lo inacessível. A *res publica* se converte em *outsourcing* das *holdings*. Se há 30 ou 40 anos a privatização da máquina pública era um absurdo ideológico, hoje se tornaram a única realidade possível.

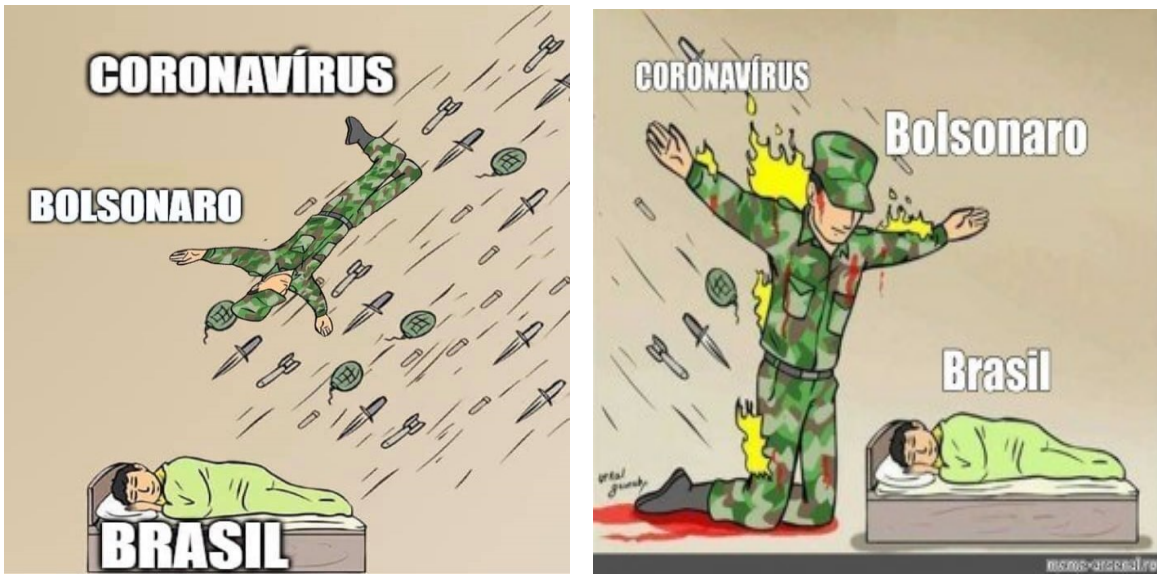
Enquanto antes da pandemia do COVID-19 dizer que mandar os trabalhadores para uma fábrica com uma bomba à beira da explosão pertencia ao campo do imaginável, durante a pandemia, essa ideia vira a única opção. Os trabalhadores devem escolher entre morrer da explosão biológica ou morrer de fome. Mas, como esse debate, aqui apresentado, nos leva aos memes?

Em um texto chamado *Nothing fails like success*, Barbara Johnson (1989) explica o que Jacques Derrida queria dizer com a expressão “não há nada fora do texto” (JOHNSON, 1989, p. 14). Para ela, Derrida não nega as conexões que devemos fazer fora do texto. Ele leva o texto para outro nível, “não há nada fora do texto” significa que nada escapa a superfície textual. Esse marco é útil para a minha aproximação com os memes já que não os considero gêneros textuais escritos e isolados, mas sua circulação, imagens, veículos, e plataformas constroem efeitos que superam a mensagem escrita.

No Exemplo 1, notamos claramente a disputa intelectual representada nas duas imagens. Ambas as figuras reconhecem o efeito catastrófico de uma crise de saúde de proporções apocalípticas, mas a imagem à direita apresenta o caudilho Bolsonaro como protetor da nação. A única coisa em comum entre as duas imagens é a vulnerabilidade do Brasil frente aos ataques.

Realismo fake

Exemplo 1



Exemplo 2



O exemplo 2 faz parte de uma instrumentalização da fé. O presidente havia convocado a nação para um jejum nacional para que Deus curasse o Brasil. Esse evento é interessante porque nos mostra como todas as alternativas são consideradas – terrenas ou divinas, exceto a opção que toque no ritmo do mercado.

O meme/twit que retoma Jesus utiliza a paródia do discurso da fé para alertar o absurdo da proposta presidencial. *Jesus* dialoga com o simulacro, questionando sugestões

que não visem o bem comum. No meme do presidente com a sua nova equipe de segurança, temos os carregadores de caixão de Gana – viralizados por suas performances nos enterros - que seriam os novos ministros da educação. Novamente, o meme não traz uma verdade sobre a equipe de gestão do presidente, mas joga com o imagético de escolhas políticas de um governo que pede o jejum dos trabalhadores ao invés do jejum dos lucros.

Exemplo 3



O exemplo 3 apresenta a ideia de uma catástrofe natural. Mesmo diante da extinção absoluta, se pensa nos efeitos financeiros que um desastre natural gerará. Apontando como a própria condição para a vida na Terra é suspensa e secundarizada em prol do lucro. A figura dos dinossauros é uma lembrança útil de que esses processos de destruição se instalam não somente contra a vida humana, mas também contra os não-humanos. O problema dos memes em que defendem a possível escolha entre vírus ou economia é que se esquecem que a vida (humana e não-humana) são as condições básicas para o ciclo produtivo.

Como elementos discursivos, os memes circulam, viralizam e se reproduzem de forma rápida de modo que uma retórica negacionista ou pró-razão possa ser disseminada com rapidez. Nesse sentido, aqueles memes que banalizam o potencial destrutivo do vírus

poderiam circular e “contaminar” o consciente lógico de grupos suscetíveis a essa mensagem, especialmente trabalhadores desesperados com o fantasma do desemprego.

Por outro lado, os exemplos apresentados aqui apostam na disputa pelo campo político e sugerem que a *verdade* charlatã da *fake news* pode e deve ser combatida. É interessante que esses memes disputam o campo político bombardeado por projetos de verdades alternativas. O sarcasmo desses memes anti-*fake* rejeita o apocalipse como percurso inevitável.

Uma guerra de simulacro

Para Baudrillard (1983), a ideia de simulacro nos separou tangencialmente da ideia de realidade. Em seu argumento, a realidade já não existe porque verdades e ilusões são objetos intercambiáveis na estrutura hiper-realista sob a qual estamos submetidos. *As verdades* absurdas e alternativas fazem parte de nossa vida tanto quanto a ideia de materialidade. Num momento em que o campo das ideias não pode mais ser separado do campo subjetivo, o que se apresenta é um confronto de subjetividades que nos permite criar interpretações. Mas se experimentamos uma colonização da realidade *real* pela realidade do simulacro, porque temos bombardeios tão ferozes contra os fatos? Por que as *fake news* insistem no mundo contemporâneo uma vez que o capitalismo já modula nossa vida concreta?

A minha aposta é que esse ataque persiste porque o capitalismo sabe que sua realidade é falaciosa e, portanto, frágil. As imagens em repetição que visam proteger o mercado e arriscar a vida planetária são reforços de um discurso que precisa de ressonância *ad nauseam* para ser e parecer *verdade*. Em um mundo em que a fome de muitos é incentivada em nome da fortuna astronômica (e inumana) de poucos, as próprias condições de vida precisam passar por reprogramação da propaganda.

Por isso, aceitar a análise de Baudrillard (1983) seria reforçar o determinismo fatalista e a incapacidade da luta de classes. Tencionando Baudrillard contra Baudrillard, a repetição paranoica do capitalismo de suas mesmas imagens significa que sua verdade é débil, desmontável, e precisa se reconstruir devido suas próprias contradições. Se o jogo imagético da realidade precisa se reconstruir é porque há pontos de curto-circuito em que os conflitos

revelam sua ilusão perceptível. Esses pontos de conflito nos sugerem que o fim do capitalismo pode e deve ser imaginado antes do fim do mundo.

A urgência do bombardeio aponta para uma guerra de simulacros. O bombardeio intenso vem do desejo de exterminar o inimigo de modo que ele deixe de existir e pare de representar perigo. O que nos leva a outras perguntas: para que propagandas se seu discurso já será imposto pelo totalitarismo do mercado? Por que seguir atacando o comunismo quando o capitalismo se vangloria de sua vitória a todo instante? E, por fim, porque seguir criando simulacros se não temos alternativa?

Talvez, no caso da pandemia, o negacionismo precisa de repetição porque os corpos se amontoavam nos necrotérios, os hospitais estavam em colapso, os cemitérios e crematórios operando além da capacidade máxima e a dor pela perda dos familiares/amigos afetou a maioria dos lares brasileiros. Lidávamos com muitos corpos, muitos caixões e muito sofrimento para que isso fosse simplesmente ignorado como ficção de propaganda comunista/socialista. E contra a ideologia de que o mercado nos salvaria, o corpo nos recordava de nossa fragilidade.

Essas perguntas nos levam a mais perguntas, mas por hora, quero sugerir que a o discurso da não-alternativa revela em si um limite de seu próprio potencial imaginativo. Sendo assim, a negação do comunismo/socialismo não ocorre através do fingimento de sua inexistência, mas da difamação repetitiva do comunismo e de seus ideais emancipatórios. Mesmo com esse terrorismo contra a verdade, o comunismo assombra o capitalismo dentro de suas contradições. E, apesar de sua suposta impossibilidade, o comunismo retorna como alternativa mais palpável que as resoluções capitalistas que blefam com a extinção do planeta.

A guerra de simulacros nos aponta que o comunismo além de seguir no imaginário neoliberal, persiste como alternativa política para as massas. As decisões pró-abertura das fábricas só testificam o autoritarismo dos donos dos meios de produção que leva a classe trabalhadora e racializada para o matadouro. Mas, como antes, as condições materiais se apresentam como concretas e se opõem fortemente a falácia.

O simulacro retoma discursos sobre a derrota do passado socialista/comunista e sobre a impossibilidade de um futuro revolucionário. Porém, entre os corredores do simulacro a realidade material grita uma mensagem irrefutável: não haverá futuro no capitalismo.

Referências

- BADIOU, A. Sobre la situación epidémica. In: **Sopa de Wuhan: pensamientos contemporáneos en tiempos de pandemia**. Aspo, p. 68-78, 2020.
- BAUDRILLARD, J. **Simulations**. Semiotext(e), 1983.
- BUTLER, J. El capitalismo tiene sus límites. In: **Sopa de Wuhan: pensamientos contemporáneos en tiempos de pandemia**. Aspo, p. 59-67, 2020.
- FISHER, M. **Capitalist realism: is there no alternative?** Zero Books: John Hunt Publishing, 2009.
- LAFARGUE, P.; THOMPSON, F. **The right to be lazy**. C.H. Kerr Pub. Co., 1989 [1883].
- LENIN, V.I. **Materialism and empirio-criticism**. Foreign Languages Press, 1972.
- JOHNSON, B. **A world of difference**. The John Hopkins University Press, 1989.
- MARX, K. **Critique of the Gotha Programme**. Occultus Books, [1875] 2018.
- MARX, K. Preface. Contribution to the critique of political economy. [1859], In: UCKER, R. C., ed. **The Marx-Engels reader**. 2 ed. New York: Norton, 1978.

¹ Há uma discussão complexa e mais ampla sobre psicanálise que, por hora, perpassa os limites e objetivos deste breve ensaio.

² Disponível em: <https://www.businessinsider.com/billionaires-became-5-trillion-richer-during-pandemic-forbes-list-2021-4>.